

## O sujeito visível: uma biografia de Vicente Salles

ROSEANE SILVEIRA DE SOUZA\*

Ao iniciar sua caminhada pelos círculos do Inferno, o poeta Dante, conduzido pelo poeta maior, Virgílio, depara as primeiras almas expulsas dos céus, em companhia de anjos mesquinhos, urrando de dor, pois sequer lhes fora permitido esperar o descanso da morte, causando-lhes inveja qualquer um que tivesse outra sorte. "Seus nomes passaram pelo mundo sem deixar marca", explica Virgílio a Dante, que, ainda vivo, perscruta aquele mundo com a missão de, ao ouvir tais lamentos e os nomes dos supliciados, tornar-se melhor e levar o conteúdo das lamúrias ao conhecimento dos vivos na cidade de origem daquelas almas. Em consequência, Dante atribui sentido àquelas histórias e aos seus sujeitos, apontando a marca de sua passagem pelo mundo terreno.

Em certo sentido, é lícito associar a missão do personagem Dante ao trabalho do pesquisador paraense Vicente Juarimbu Salles (Vila do Caripi, 27/11/1931), que se dedica há mais de 50 anos a estudos sobre a cultura brasileira, notadamente a do Pará, desvelando sujeitos e práticas pouco conhecidos, esquecidos ou excluídos da história. Também é legítimo mencionar que a figura de Dante entrou na vida de Salles através de um engraxate italiano: Domenico Amoscato, que tinha um ponto na entrada do prédio do jornal de onde Salles era colaborador, *A Província do Pará*, em Belém. Amoscato o saudava com os versos originais da *Divina Comédia*: "Lasciate speranza voi ch'entrate" ("Deixai toda a esperança vós que entraís"). Recitava trechos inteiros da obra e depois os traduzia. Essa convivência fez moldar no jovem Vicente o gosto pela obra do poeta florentino, a qual o influenciaria em sua trajetória intelectual, marcada pela documentação e reflexão sobre cultura, arte e história.

Formado em Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (RJ), Salles, como pesquisador e autor, transita por um panorama vasto, onde se veem investigações em torno de música, músicos, folclore, artesanato, teatro (atores, autores e empresários), humor (caricaturas, charges e cartuns),

---

\* Doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação da professora Estefânia Knotz Canguçu Fraga. Bolsa CNPq.

imprensa e biografias diversas. Estudos sobre o negro perpassam todos esses temas, sendo *O negro no Pará – sob o regime da escravidão* a sua obra mais difundida e a que contribuiu, a partir da década de 1970, para uma revisão da historiografia nacional sobre a presença do negro na Amazônia. É autor de 22 livros e 48 microedições (edições artesanais feitas por ele), sem incluir os textos em obras coletivas, frutos de sua intensa e persistente atividade intelectual.

Apesar dessa extensa obra, à qual se somam participações em eventos, entrevistas aos meios de comunicação, documentários e artigos em periódicos nacionais, Salles não é conhecido fora da Região Norte. Sua produção intelectual, no que diz respeito aos temas amazônicos, é referência para pesquisadores brasileiros em diversas áreas das Ciências Sociais, da História e das Artes, mas essa obra ainda está circunscrita a um prisma regionalista, ainda que acene a uma universalidade. Além disso, tem sido pouco investigada em âmbito acadêmico e a sua publicação por editoras comerciais ou institucionais ainda é alvo de imenso esforço do autor que, não raramente, custeia a produção de seus livros.

A quase invisibilidade de Vicente Salles na historiografia brasileira e a valorização, em sua obra, de sujeitos excluídos da História são os temas principais desta pesquisa que consiste na elaboração de uma biografia intelectual de Salles. Esta comunicação para a XXVI ANPUH consiste na apresentação desse processo da escrita biográfica, ressaltando a constituição de sua metodologia, em especial o trabalho com as fontes.

**Invisibilidade** – A opção pela invisibilidade na História remonta à dissertação de mestrado *Histórias invisíveis do Teatro da Paz: da construção à primeira reforma – Belém do Grão-Pará (1869-1890)*, abordando as histórias à margem da história oficial daquele teatro.<sup>1</sup> Atualmente, as questões que norteiam a pesquisa do doutorado são: o que aqueles sujeitos, uma vez investigados, falam sobre Salles e suas escolhas intelectuais, e como e por que ocorreu a invisibilidade do historiador? Para isso, foram e ainda serão feitas entrevistas com o biografado; serão utilizados conteúdos de livros de sua autoria, cartas, artigos em jornais e outras fontes pertencentes ao acervo da Sala Vicente Salles, no Museu da Universidade Federal do Pará.

---

<sup>1</sup> Dissertação realizada sob a orientação da professora Estefania Knotz Canguçu Fraga, defendida em 2009, no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP, com bolsa do CNPq. O livro homônimo foi publicado pela editora Paka-Tatu, com patrocínio do Banco da Amazônia, em 2010.

Esse acervo é formado por uma biblioteca de 3 mil livros, uma hemeroteca, dezenas de fitas magnéticas, partituras e outros materiais doados por ele à UFPA em 1990. Além desse local, no Rio de Janeiro, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular reúne o acervo de pesquisa e a produção intelectual de Salles no período em que integrou a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), de 1961 a 1972, sob a direção do antropólogo baiano Édison Carneiro, o organizador da célebre *Antologia do negro brasileiro*, lançada em 1950, e autor de outros tantos títulos. Sobretudo a Biblioteca Amadeu Amaral, que Salles organizou na época da CDFB, contém aquela produção.

A motivação em estudar a trajetória desse pesquisador partiu da percepção de seu interesse pelos sujeitos excluídos e pelas histórias pouco desvendadas ou negligenciadas pelos pesquisadores. Salles investiga notícias de jornal e documentos primários, revira arquivos, em busca de pontos obscuros da historiografia instituída e não raramente surpreende com seus achados: um compositor desconhecido, um artista esquecido, uma partitura rara mofando em algum porão, e assim vai clareando a história do Pará.

Uma segunda motivação é o modo como Salles divulga suas pesquisas. Ele organiza as *microedições*, publicações modestas, feitas em casa, no computador, e as distribui entre pesquisadores, bibliotecas e museus. Parte delas já foi publicada por editoras ou instituições, mas ainda há muitas aguardando a vez.

Finalmente, um terceiro interesse incide sobre a postura de Salles como intelectual. Ao escolher os sujeitos excluídos que tiveram uma atuação pública ao seu tempo, ao tornar a publicação de suas pesquisas um compromisso e ao não se furtar ao debate sobre temas sociais candentes, Salles assume uma atitude política na sociedade e, por extensão, diante da história.

**Narrar uma vida** – Vicente Salles nasceu na Vila do Caripi, distrito do município de Igarapé-Açu (Pará), distante 117 quilômetros de Belém. Em estado precário de saúde quando criança, foi amamentado por uma ama de leite, Maria Pretinha, remanescente de uma área de quilombo às proximidades da vila, o que muito marcou sua vida, pois foi essa moça quem também o enriqueceu de um repertório de histórias e cantigas.

Dedicou-se, na juventude, ao estudo da música (teoria musical e prática de violino) e, entre a leitura de autores nacionais e portugueses, mantinha especial predileção pelos versos de cordel, evidenciando sua vocação para os estudos da cultura popular – sendo que até hoje pesquisa essa manifestação literária. Em 1948 iniciou sua atividade na imprensa, no jornal *A Província do Pará*, onde também teve início seu trabalho como pesquisador da música produzida no estado. Em 1954 começou uma peregrinação pelo interior, pesquisando bandas de música, carimbó e “outros folclores” (SALLES, 2007). Nesse mesmo ano conheceu em Belém, na casa do poeta e pesquisador Bruno de Menezes,<sup>2</sup> o renomado antropólogo Edison Carneiro, que lhe encomendou uma pesquisa sobre os terreiros de Umbanda na cidade. Diante dos resultados, Carneiro o incentivou a completar sua formação no Rio de Janeiro.

Na capital fluminense, ainda em 1954, Salles iniciou sua graduação em Ciências Sociais (Antropologia) e ingressou, por concurso público, no Ministério da Educação e Cultura como datilógrafo. Concluiu o curso apenas em 1966 devido a problemas com a ditadura, pois colaborava, ainda que timidamente, com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1961, entre outras atividades, como já foi mencionado, integrou a Campanha em Defesa do Folclore Brasileiro e foi redator da *Revista Brasileira de Folclore*.

Na década de 1970, já residindo em Brasília, colaborou para a criação da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Na década seguinte foi um dos responsáveis pela criação do Ministério da Cultura e aposentou-se, em 1990, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no âmbito do Pró-Memória.

A aposentadoria não significou a interrupção de suas atividades. Pelo contrário, sua produção de pesquisa manteve-se ativa, pois, como afirma Jacques Le Goff (2001, p. 21), ao prefaciando a obra de Marc Bloch:<sup>3</sup> “O historiador não pode ser um sedentário, um burocrata da história, deve ser um andarilho fiel ao seu dever de exploração e de aventura”. Salles é este andarilho fiel ao ofício, encaminhando o resultado de sua aventura para a série MicroEdição do Autor, volumes artesanais que ele mesmo produz, entre 20 e 50 exemplares, e distribui entre instituições e pesquisadores interessados.

---

<sup>2</sup> Bruno de Menezes (1893-1963) é um dos nomes mais importantes da história da literatura do Pará, sendo autor de obras como *Batuque* (1931), uma das principais obras poéticas enfocando a cultura negra, e dos estudos *Boi Bumbá: auto popular* (1958) e *São Benedito da Praia: folclore do Ver-o-peso* (1959), para citar algumas de suas obras.

<sup>3</sup> O livro *Apologia da História ou o ofício do historiador*.

Essas edições foram a forma encontrada por ele para driblar as dificuldades de publicação de suas obras, daí a desproporção entre a quantidade de livros viabilizados por editoras ou instituições e a produção artesanal.

Esta síntese da trajetória profissional de Salles é apenas uma visada sobre o biografado, não definindo o perfil da narrativa que se quer elaborar. Entrevistas já realizadas com Salles, tanto por esta pesquisadora quanto por outros entrevistadores; o conteúdo de livros nos quais aparecem os sujeitos excluídos; assim como correspondências e artigos assinados pelo autor convergem para uma narrativa menos pautada pela linearidade cronológica do que por uma costura temática da vida do autor. Serão os invisíveis da História as estações dessa vida, marcando, de modo movediço, a passagem do tempo. Movediço, arbitrário e transgressor feito a memória.

Para exemplificar. A infância de Salles será projetada na figura de Maria Pretinha, cuja história de vida aponta o menino atento às histórias dos negros do antigo quilombo, ao som das bandas de música, as aulas de violino e aos livros da biblioteca paterna. A juventude incorpora as figuras de Domenico Amoscatto, o engraxate dos versos de Dante, e do sapateiro Dagoberto Lima, vizinho que lhe apontou os caminhos do marxismo. Seguindo nessa direção, a biografia de Salles é constituída da história de muitos outros sujeitos. Destacam-se ainda o antropólogo Édison Carneiro, mentor intelectual de Salles, e personagens estudados por ele, em fase de escolha: o músico e encadernador Tó Teixeira (a arte diante da burocracia), o administrador do Teatro da Paz Alcebíades Nobre (o início do acervo Vicente Salles), a viajante francesa Otille Coudreau (as mulheres esquecidas que fizeram história no Pará), entre outros. Vale ressaltar que os estudos sobre o negro no Pará, com a consequente publicação da obra em 1971, vão sinalizar o momento-chave da trajetória do historiador, pois se trata certamente da obra de maior reconhecimento e projeção de sua lavra. Resumidamente: ao se falar de Salles, vai-se trazer também outras trajetórias, outros sujeitos e o que estes dizem daquele autor e sua atuação intelectual no panorama dos estudos amazônicos e na inserção destes nos estudos sobre o Brasil.

Do ponto de vista teórico, as noções de “espaço biográfico” proposto pela crítica argentina Leonor Arfuch e de “guinada subjetiva”, de outra crítica argentina, Beatriz Sarlo, embasam inicialmente a pesquisa. A primeira aponta o sentido da biografia em

ser mais do que a expressão de uma individualidade apenas, mas de uma vida entrecruzada por outras diversas, diferentes, intersubjetiva.

Assim [*diante da necessidade de aceitação de diferenças*] poderíamos falar não somente de perdas, mas também de *chances*, não apenas do excesso de individualismo, mas também da busca de novos sentidos na constituição de um *nós*. Porque, e isso é essencial, sabemos que não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; conseqüentemente, toda biografia ou relato de experiência é, num ponto, *coletivo*, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas ciências sociais (ARFUCH, 2010, pp. 99-100).

Sarlo, da mesma forma que Arfuch, discute a historicidade das escritas de vida e, na obra *Tempo Passado*, cunha a expressão “guinada subjetiva” para situar o retorno do relato como expressão política, na década de 1980, analisando o processo de redemocratização da Argentina, após a ditadura militar. A necessidade do testemunho diante dos tribunais reacendeu a importância do narrar, de exercitar a memória como resistência política.

[...] memória foi o dever da Argentina posterior à ditadura militar e o é na maioria dos países da América Latina. O testemunho possibilitou a condenação do terrorismo de Estado; a ideia do ‘nunca mais’ se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita. Como instrumento jurídico e como modo de reconstrução do passado, ali onde outras foram destruídas pelos responsáveis, os atos de memória foram uma peça central da transição democrática, apoiados às vezes pelo Estado e, de forma permanente, pelas organizações da sociedade. Nenhuma condenação teria sido possível se esses atos de memória, manifestados nos relatos de testemunha e vítimas, não tivessem existido (SARLO, 2007, p. 20).

As duas articulam-se a outros autores, entre os quais Mikhail Bakhtin, Roland Barthes, Phillippe Lejeune (Arfuch), Walter Benjamin, Jean-Pierre Le Goff e Primo Levi (Sarlo), no que diz respeito aos temas da linguagem, da memória e da subjetividade na contemporaneidade. Dessas contribuições, a ideia central é a de que o sujeito se engendra na linguagem e esta se enreda ao tempo da vida que se faz ao narrar. A vida é recriada à medida que o narrador relembra, reconta e a recorta, apontando uma subjetividade que tem dimensão social.

Uma biografia de Vicente Salles será, portanto, a trajetória de muitos sujeitos excluídos e ele, feito Dante, ao adentrar obscuridade dessas vidas, também se reapresenta e se torna mais visível. É o que se espera.

## **BIBLIOGRAFIA E FONTES**

Instituições e locais de pesquisa

Museu da Universidade Federal do Pará/Sala Vicente Salles

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (RJ)

Residência do autor (DF)

Bibliografia consultada

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2003.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro, Eduerj, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Paris: Éditions du Seuil, 1973. (Coleção Signos, v. 5).

BASTOS, Elide Rugai; RÊGO, Walquiria D. L. **Intelectuais e política**: a moralidade do compromisso. São Paulo: Olho d'água, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

CARNEIRO, Edison (Org.). **Antologia do negro brasileiro**. Porto Alegre: Editora Globo, 1950.

CHIARA, Ana Cristina de R. O espaço biográfico de Leonor Arfuch: uma nova leitura dos modos como vidas se contam. **Revista Matranga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, jul-dez, 2007. Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/matranga/matranga21/O%20ESPACO%20BIOGRAFICO.html>. Acesso em: 20 jul. 2009.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em W. Benjamin**. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

OLIVETO, Karla Aléssio. **Vicente Salles**: trajetória pessoal e procedimentos de pesquisa em música. Dissertação (Mestrado)—Departamento de Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Fontes relacionadas a Vicente Salles

#### Bibliografia

SALLES, Vicente. **Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos**. Belém: Paka-tatu, 2001.

\_\_\_\_\_. **O negro no Pará**: sob o regime da escravidão. 3ª edição rev. ampl. Belém: Instituto de Artes do Pará; Programa Raízes, 2005.

\_\_\_\_\_. **O teatro na vida de José de Lima Penante**: um ator no século XIX. Brasília: MicroEdição do Autor, 2000.

\_\_\_\_\_. **Um retrospecto**: memória. Brasília: MicroEdição do Autor, 2007.

\_\_\_\_\_. Colonialismo e indústria cultural. **Agenda Amazônica**, dezembro 2000. Belém: Edição Jornal Pessoal. p. 5-8.



## Documentos eletrônicos

O NEGRO no Pará: cinco décadas depois... Documentário. Direção de Afonso Gallindo. Pesquisa e coordenação de produção de Rose Silveira. Realizada por Instituto de Artes do Pará e Programa Raízes, Belém, 2005. 1 DVD-R (38min.), color.

SALLES, Vicente. [**Entrevista à jornalista Rose Silveira**]. Direção de Afonso Gallindo. Câmera e direção de fotografia de Marcelo Rodrigues. Realizada por Instituto de Artes do Pará e Programa Raízes, Rio de Janeiro, 18 jul. 2005. 1 DVD-R (1h43min04seg), color.

\_\_\_\_\_. [**Entrevista à jornalista Rose Silveira**]. Direção de Afonso Gallindo. Câmera e direção de fotografia de Marcelo Rodrigues. Realizada por Instituto de Artes do Pará e Programa Raízes, Rio de Janeiro, 20 jul. 2005. 1 DVD-R (1h30min15seg), color.

\_\_\_\_\_. **Programa Regatão Cultural**. Entrevista ao jornalista Paulo Roberto Ferreira. Realizada por TV Cultura do Pará, Belém, 2007. 1 DVD-R (27min. 42seg.), color.

## Documentos sonoros

\_\_\_\_\_. [**Entrevista à jornalista Rose Silveira**]. Belém, 29 nov. 2006. 1 arquivo sonoro digitalizado (36min.).